



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Que bom “O Agente Secreto” não ter de encarar “Amélie et la Métaphysique des Tubes” em sua trilha - a cada dia mais sólida - rumo ao Oscar, porque, em San Sebastian, nem o thriller pernambucano, nem cults natos como “Foi Apenas Um Acidente” (que deu a Palma de Ouro) a Jafar Panahi têm chances de tirar o Prêmio Cidade de Donostia de Júri Popular do desenho animado franco-belga de Mailys Vallade e Liane-Cho Han.

No circuito das mostras competitivas da Europa, nenhuma mantém espaço mais regular - e nobre - pra animação autoral do que a maratona basca, que chega ao fim de sua edição n. 73 neste sábado. A adaptação do livro infantojuvenil de Amélie Nothomb sobre miscigenações culturais - e as magias que cercam os intercâmbios entre povos - é um ímã de aplauso pelo norte da Espanha.



‘Amélie et la métaphysique des tubes’ explora as descobertas da infância

Anima, San Sebastián

A animação franco-belga ‘Amélie et la Métaphysique des Tubes’ dispara como favorito ao prêmio de público do evento espanhol

“Nossa ambição sempre foi expressar a euforia da infância, numa história que atravessa diferentes estações do ano e as muitas emoções de uma menina”, disse Mailys ao Correio da Manhã em San Se-

bastián, celebrando os holofotes dados a uma dramaturgia animada que a Disney não mostra. “O meio de abordar a compreensão das diferenças, em nossa trama, passa por traumas e o debate sobre expatria-

ção na busca por identidade”.

Espécie de Cannes para classe animada, Annecy, festival francês realizado em junho, deu a Láurea do Público para “Amélie et la Métaphysique des Tubes”.

Metamorfose autoral

Polonesa Agnieszka Holland dispara na competição pela Concha de Ouro de Melhor Direção com ‘Franz’

Nascido em Praga, no fim do século XIX, em uma família judia tcheca de classe média (que falava alemão e iídiche), Franz Kafka (1883-1924) foi cristalizado no imaginário da literatura europeia por palavras que traduzem a exasperação diante da burocracia e da angústia de não pertencimento.

Apesar disso, turistas de todo mundo visitam os espaços por onde ele circulou como se fosse um espetáculo, num paradoxo que inspira um dos momentos mais críticos de “Franz”, o novo longa-metragem da artesã autoral polonesa Agnieszka Holland. Ela hoje dispara na competição pela



Divulgação

Concha de Ouro do Festival de San Sebastián como favorita ao Prêmio de Direção.

“Quando adolescente, eu era mais intelectualizada do que sou

hoje e li Kafka quando tinha uns 14, mas eu percebo que ele vem e volta, mostrando-se mais atual do que nunca em meio às trevas que se espalham pelo mundo hoje”, afirma

**‘Franz’
concorre
à Concha
de Ouro
em San
Sebastián**

Sua protagonista não se leva a sério, mas sofre com isso. Até aos dois anos e meio, Amélie descreve-se como um tubo digestivo, inerte e vegetativo. Então, surge o acontecimento seminal que a mergulha na micareta de descobertas que é ser criança. Durante os seis meses seguintes, ela descobre a linguagem e aprende a lidar com seus pais, com seus irmãos e com suas irmãs. Acha um paraíso no seu jardim e, lá, demarca suas paixões: o Japão (onde nasceu e onde vive) e a água. Delimita também quais são as suas aversões, entre elas, um peixe: a carpa. Nessa fase de porquês, toma noção do Tempo... e aprende a temê-lo. Sonha estar constituindo um “para sempre” para si, mas a vida vai pegar no seu pézinho.

“Esse filme custou em torno de 9,3 milhões de euros e começou a ser desenvolvido há sete anos com 150 profissionais em áreas diferentes de sua equipe, trabalhando de locais diferentes da França, onde o sistema de fomento nos assegura liberdade pra inventar”, disse Mailys, que aprendeu a amar animação depois de ver um VHS de “O Homem Que Plantava Árvores” (1987), marco de Frédéric Back. “Aí entrei em Miyazaki e seu ‘A Viagem de Chihiro’, o que fez a produção japonesa virar um lugar de referência para o meu cinema”.

O próximo projeto da cineasta será um filme em stop-motion.

Agnieszka ao Correio da Manhã.

Aos 76 anos, a diretora de cults como “Eclipse de uma Paixão” (rodado em 1995, com o jovem Leonardo DiCaprio no papel do poeta Rimbaud) renova seu prestígio ao abordar Kafka num mergulho não nos feitos, mas na cabeça do autor de “O Castelo” e de “A Metamorfose”. Criado como um caleidoscópico, o longa-metragem que tem tudo para levá-la ao Oscar – como representante da Polónia – conta com o talento do ator Idan Weiss no papel central.

“Não queria alguém que se parecesse com Kafka, mas, sim, alguém que captasse seu espírito”, diz Agnieszka, aclamada por plateias bascas. (R. F.)